

Artigo recebido em 24/02/2023 e aprovado em 15/03/2023

Erico Veríssimo e o intelectual latino-americano na Guerra Fria

Resumo

Neste artigo, objetivamos discutir o papel dos intelectuais durante a Guerra Fria, tomando como exemplo a trajetória do escritor brasileiro Erico Verissimo (1905 – 1975). Através dessa análise, buscamos demonstrar como o romancista não só acompanhou as diferentes fases da diplomacia cultural interamericana entre os anos de 1930 a 1950, como exerceu uma postura semelhante à de um número expressivo de intelectuais que, no pós-Segunda Guerra Mundial, empreenderam atividades mais engajadas em torno da esfera política e cultural. Adicionalmente, destacamos a relevância dos estudos que abordam a Guerra Fria sob uma perspectiva latino-americana. Dentro dessa temática, enfatizamos a importância de investigações voltadas ao campo das ideias e da cultura nesse período como um caminho promissor para pesquisadoras e pesquisadores.

Palavras-chave: Erico Verissimo; Intelectuais; Guerra Fria.

* Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS/Fiocruz).

Abstract

In this article, we aim to discuss the role of intellectuals during the Cold War, using the trajectory of Brazilian writer Erico Verissimo (1905 - 1975) as an example. Through this analysis, we seek to demonstrate how the novelist not only followed the different phases of inter-American cultural diplomacy between the 1930s and 1950s but also adopted a stance similar to that of a significant number of intellectuals who, in the post-World War II era, engaged in more politically and culturally oriented activities. Additionally, we emphasize the relevance of studies that approach the Cold War from a Latin American perspective. Within this theme, we stress the importance of investigations focused on the realm of ideas and culture during this period as a promising avenue for researchers.

Keywords: *Erico Verissimo; Intellectuals; Cold War.*

1. Introdução

Os anos 1940 foram um divisor de águas na carreira de Erico Veríssimo. Foi nesse período que o romancista gaúcho pode vislumbrar a consolidação do seu trabalho, tornando-se um dos mais importantes de sua geração. Sucesso de vendas no Brasil e traduzido para tantos outros países, a autor de *Olhai os lírios do campo* passou a integrar o seleto grupo de literatos brasileiros considerados Best seller, assim como se destacava em suas atividades de editoração e tradução na Editora Globo de Porto Alegre.

Para além de sua carreira no universo das letras, Verissimo se destacou ao exercer a função de interlocutor entre Brasil e Estados Unidos. Também nos anos 1940, foi convidado por duas vezes a participar de projetos financiados pelo Department of State que tinham por objetivo de promover a cultura brasileira aos estadunidenses. Na mesma medida, ao regressar a sua terra natal, o escritor se posicionou como uma espécie de divulgador “da grande nação norte americana” em solo tropical, publicando dois relatos de suas viagens aos EUA, proferindo palestras sobre variados temas que envolviam o país, e assim por diante.

Foi sob os trilhos desta estreita relação que em 1953, por intermédio do Ministro das Relações Exteriores do Brasil João Neves da Fontoura, Verissimo assumiu a cadeira de Diretor de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos (OEA). Neste cargo, o escritor passaria a exercer efetivamente as atribuições de um diplomata formal, algo totalmente novo para o gaúcho, se comparado a função de mediador cultural que desempenhara até então. Após aceitar a proposta, o escritor retornou aos Estados Unidos, para residir nas proximidades da instituição, localizada em Washington D.C.

Erico Verissimo é um pertinente exemplo da emergência de figuras do campo intelectual que passaram a exercer posto políticos a partir do Pós - Segunda Guerra Mundial. Por um lado,

especialmente durante a guerra, intelectuais dos mais variados campos tornaram-se peças chave da diplomacia cultural interamericana. Com a Política de Boa Vizinhança, idealizada pela gestão do presidente Franklin Delano Roosevelt (1882 – 1945), foram criados diversos programas de circulação de escritores, artistas, músicos, cientistas, sejam eles latino americanos ou estadunidenses.

Por sua vez, o pós-Segunda Guerra provocou algumas alterações neste cenário. De um lado, as novas prioridades do governo dos Estados Unidos dedicaram menos esforços as iniciativas de trocas culturais, preocupando-se em criar uma agenda voltada para a “informação” (SMITH, 2017). Em paralelo, os intelectuais, imersos no campo de disputas de dois “modelos” de civilização – EUA e URSS - passaram a atuar de maneira mais engajada no cenário político.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar a figura do intelectual e os diversos papéis desempenhados por essa classe no contexto da Guerra Fria (1947 - 1991). Para embasar nossa análise, focaremos nossas discussões na trajetória do escritor Erico Verissimo. Acreditamos que o autor seguiu um caminho semelhante ao de muitos intelectuais que, no pós-Guerra, estiveram engajados em iniciativas diretamente vinculadas ao governo estadunidense, apoiados em um discurso pan-americanista.

Neste sentido, um conceito que acreditamos ser pertinente para esta discussão é o de intelectual engajado, apresentado por Patrick Iber (2015). Segundo o autor, o intelectual latino americano que emerge principalmente com a Guerra Fria se caracterizou como o indivíduo que saiu da torre da marfim, e passou a atuar de maneira engajada no cenário político.

Acreditamos também ser pertinente incluir a este debate um breve panorama sobre o significado da Guerra Fria na América

Latina. Existe uma série de debates que questionam o papel dos países latino americanos em meio a conjuntura da Guerra Fria (HARMER, 2014). Com definições e ritmos distintos, se compararmos ao eixo EUA – Europa – URSS, o que a bibliografia vem destacando ao longo das últimas décadas é a necessidade, por parte da historiografia, de lançar novas luzes quanto a este período, deixando de lado algumas lentes analíticas que interpretam a América Latina como uma vítima passiva das ações dos Estados Unidos.

Deste modo, a partir da carreira diplomática exercida por Verissimo durante a primeira metade dos anos 1950, esperamos apresentar alguns traços da complexidade que moldaram os campos político e cultural na segunda metade do século XX, que extrapolam a perspectiva bipolar no qual a Guerra Fria tradicionalmente é retratada.

2. América Latina e Guerra Fria

Repensar o papel do eixo latino americano, no período que conhecemos como Guerra Fria, vem se constituindo ao longo dos últimos anos como um campo repleto de possibilidades. Como nos aponta Tanya Harmer (2014), o volumoso número de fontes disponíveis sobre o período, consiste em um dos principais motores que estão impulsionando novas análises que reinterpretam o protagonismo que sempre orbitou na historiografia junto aos Estados Unidos e União Soviética.

Algumas linhas de investigação questionavam, durante algum tempo, se a América Latina estava inserida, de fato, no contexto da Guerra Fria. A definição tradicional, que compreende esse período como o conflito entre “dois blocos”, condicionou o papel latino americano a uma narrativa simplista de submissão ao poder norte americano. Entretanto, discussões como as apresentadas por Odd Arne Westad (2000) trouxeram à baila a necessidade de se

redimensionar o conceito de Guerra Fria para além da bipolaridade.

Nesse sentido, é necessário ter cautela quanto a abrangência que deve ser atribuída a este campo. Como nos aponta Nils Gilman (2015), por vezes a Guerra Fria se configura como uma “chave mestra” conceitual que explica uma extensa gama de processos distintos que ocorreram no “passado recente”. Seguindo esta mesma linha Harmer (2014) alerta para os perigos de se abranger demais o conceito, a um ponto que este perde o seu significado.

Logo, ao enveredarmos pelas variadas questões que permeiam a Guerra Fria, especialmente no âmbito da América Latina, é preciso observar atentamente até que ponto as mobilizações regionais que se espalharam por todo o continente devem ou não ser interpretadas sob uma escala mais ampla. Ao mesmo passo, é preciso ter em vista o caráter heterogêneo deste momento, onde cada região vivenciou, a sua maneira, experiências em ritmos diferentes.

As tensões entre duas nações hegemônicas são apenas a superfície que encobriu uma multiplicidade de embates em proporções globais. Segundo Westad (2000), é um desperdício realizar análises de caráter reducionista, que enquadram a Guerra Fria como uma mera batalha de influências. Seguindo esta mesma linha, Harmer (2014) salienta que a nova leva de estudiosos, que se debruçam sob a América Latina, não buscam vislumbrar a região a partir dos eventos que ocorreram em outras partes do mundo. Seria preciso voltar a atenção para compreender qual foi o significado desse período, tendo em vista de que maneira os indivíduos experienciaram esse conflito de ideias, considerando os reflexos cravados em suas vidas.

Para tanto, um dos frutíferos caminhos a serem trilhados nos estudos sobre Guerra Fria consiste na investigação de como as

ideias, a cultura e a ideologia circularam ao longo desse período (HARMER, 2014). É nesse sentido que nos voltamos para o âmbito da diplomacia cultural interamericana. Indo de encontro a estudos que apontam para um esvaziamento das políticas estadunidenses voltadas para a América Latina com o fim da Segunda Guerra, o que evidenciamos é a aplicação de novas estratégias. O que se evidencia, sobretudo, é uma mudança de discurso. Os conceitos de diplomacia cultural e intercâmbios, populares ao longo da Política da Boa Vizinhança, são substituídos gradativamente pelo discurso em prol da “informação” (SMITH, 2017).

Sob esse ritmo, para além da promoção de valores e manutenção da cooperação entre as nações americanas, os Estados Unidos se voltaram para uma estratégia mais incisiva de combate ao comunismo (HARMER, 2014). Tais reformas desagradaram os apoiadores dos programas de intercâmbios culturais, que viam na criação de instrumentos, a exemplo do Office of Public Information, como um empreendimento unilateral que se caracterizava como propaganda (SMITH, 2017).

Junto a estas mudanças no cenário da diplomacia cultural interamericana, também estão presentes, neste quadro, os intelectuais. Estes personagens assumiram uma posição de destaque na América Latina ainda nos anos 1930, quando passaram a desempenhar o papel de mediadores culturais entre seus países de origem e os Estados Unidos (SMITH, 2017). Os diferentes programas de intercâmbio promovidos pelo Department of State possibilitaram a circulação de ideias entre os mais diferentes campos, desde o artístico, indo até o âmbito científico.

Com a chegada de um novo contexto, em que a Boa Vizinhança dá espaço à geopolítica da Guerra Fria, os intelectuais mantiveram o seu papel de destaque nos jogos de poder. Patrick Iber (2015) aponta que o que se assistiu neste momento foi uma aproximação destes indivíduos com a atuação no campo político.

Nas palavras do autor, os intelectuais saíram da zona de conforto da “interpretação” do mundo e voltaram-se a realização de ações práticas para “mudá-lo”.

Por outro lado, as relações entre estas figuras e o cenário político de acirramento ideológico se tornaram, no decorrer dos anos, cada vez mais difusas. No caso dos Estados Unidos, por exemplo, Iber (2015) diagnostica o caráter flexível em que se constituíram as relações entre esse grupo e a nação. Alguns dos intelectuais latino-americanos que mantiveram relações com os EUA no pós- II Guerra, por exemplo, possuíam visões divergentes da agenda liberal estadunidense. O que nos leva ao caso de Erico Verissimo.

Ao mesmo passo que assumiu a função de Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da OEA, o escritor se declarava um “esquerdista sem partido e que suas convicções políticas se enquadravam muito bem no Partido Socialista Brasileiro” (JORNAL A NOITE, 1948, pg.6). Logo, estes intelectuais que se alinhavam a emergente “esquerda democrática”, proferiam críticas ao capitalismo e defendiam a luta pela justiça social. Entretanto, dialogavam com os EUA, uma vez que o país, no final dos anos 1940, ainda se posicionava como modelo de democracia e liberdade individual (IBER, 2015).

Iber (2015) aponta que diversos intelectuais orbitavam nesta linha. Não concordavam com a violência vinculada ao capitalismo, mas não conseguiam fechar os olhos para as falhas dos movimentos socialistas. O escritor francês Albert Camus é um outro exemplo apontado pelo autor, de intelectual que defendia o engajamento político e a luta contra a desigualdade social, mas não se alinhava ao Partido Comunista.

Realizado este breve panorama, chegou o momento de nos determos especificamente a figura do escritor brasileiro Erico

Veríssimo, considerando o seu protagonismo nas ações desempenhadas na OEA no campo da cultura entre 1953 a 1956.

3. *Erico Veríssimo e a diplomacia cultural interamericana*

Como apontamos no início deste texto, em 1953 Erico Veríssimo assumiu oficialmente um cargo diplomático, tornando-se Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos (OEA). Antiga União Pan Americana, esta tradicional instituição havia sido fundada em 1889, quando os Estados Unidos organizaram a primeira Conferência Pan Americana em Washington.

Destinada à promoção de um alinhamento entre os interesses comerciais dos EUA junto aos países da América Latina, ao longo dos anos a UPA – que a partir de 1948 passou a ser denominada Organização dos Estados Americanos - veio a assumir um importante papel na promoção de ações voltadas para o fortalecimento da cooperação cultural entre as nações do continente americano (ESPINOSA, 1976). Além disso, com a Guerra Fria, a instituição teve um papel de grande relevância no enraizamento de ideias anticomunistas junto aos países latino americanos (HARMER, 2014).

Uma vez inserido neste importante organismo de atuação política estadunidense, Veríssimo esteve na cadeira de Diretor do Departamento Cultural por três anos (1953-1956). Sem nenhuma experiência em cargos burocráticos e com a responsabilidade de gerir várias divisões subordinadas ao seu Departamento, o escritor esteve imerso numa rotina agitada, que chegou ao ponto de impossibilitar as suas produções literárias¹.

¹ Em entrevista à escritora Clarice Lispector, grande amiga que também residia nos Estados Unidos nos anos 1950, Veríssimo afirmou que a burocracia de Washington não lhe permitiu escrever uma única linha durante os três anos que

Maria Bordini (2016) salienta que a atuação de Verissimo na OEA foi vasta. Como diretor, foi responsável pelas divisões de Educação, Músicas e Artes Visuais, Filosofia e Letras, assim como esteve presente em diversas conferências e eventos que contavam com a presença de lideranças internacionais. Em meio aos seus compromissos diplomáticos, o romancista voltou a exercer seu posto de divulgador da cultura e da literatura brasileira nos EUA.

Como já destacamos anteriormente, o escritor gaúcho possuía uma extensa relação com os Estados Unidos, que provavelmente colaboraram para sua indicação ao posto. As primeiras evidências de uma aproximação do autor com políticas culturais estadunidenses podem ser encontradas ainda nos anos 1930, quando esteve envolvido na fundação do Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano (ICBNA), na cidade de Porto Alegre, em 1938. O ICBNA foi o terceiro instituto binacional brasileiro voltado para as relações com os EUA, antecedido apenas pelo Instituto Brasil-Estados Unidos (1937) e a União Cultural Brasil Estados Unidos (1937), situados respectivamente no Rio de Janeiro e em São Paulo (HANSON, 1944).

Mais à frente, o ano de 1941 foi significativo para a consolidação das relações entre Erico Verissimo e os EUA. A convite do Department of State, o escritor desembarcou nas terras de Tio Sam com o objetivo principal de ministrar uma série de palestras. Em meio a participações em reuniões e conferências voltadas ao público universitário, que contaram com centenas de participantes, Verissimo percorreu os Estados Unidos de leste a oeste, focalizando, em suas falas, o Brasil e sua diversidade. Tais experiências renderam a publicação de seu primeiro relato de viagem, *Gato preto em campo de neve* (1941).

exerceu o cargo da União Panamericana. Cf.: LISPECTOR, Clarice. **Clarice Lispector entrevistada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007

Devemos frisar que o ano de 1941 foi decisivo nas relações entre Brasil e Estados Unidos. Com a intensificação da II Guerra Mundial, iniciada em 1939, a nação norte americana, que ainda não atuava diretamente no conflito, buscava conquistar o apoio pleno do governo de Getúlio Vargas. Este, por sua vez, ainda conservava uma relação dupla junto aos EUA e a Alemanha nazista. Esta dualidade foi denominada por Gerson Moura (1980) como “equidistância pragmática”.

Em 1943, o romancista gaúcho recebeu um novo convite do governo norte americano, dessa vez para ministrar um curso de literatura brasileira numa universidade dos Estados Unidos, que ficaria a critério do escritor. Aceitando a proposta, escolheu como destino a Universidade da Califórnia. Deste modo, a mudança para a cidade de Berkeley, com toda à família, ocorreu em setembro de 1943, retornando ao Brasil apenas em 1945 (VERÍSSIMO, 1973).

Além das aulas ministradas na Universidade, que tematizavam a literatura e a cultura brasileira, Verissimo era conduzido a outros Estados norte-americanos para participar de eventos de divulgação do Brasil e de outros países latino americanos (SMITH, 2017). Candida Smith (2017), afirma que as palestras e cursos ministrados pelo brasileiro integravam um grandioso programa financiado pelo Governo estadunidense. Assim como o escritor brasileiro, um número extenso de intelectuais foi convidado a participar destas iniciativas, que tinham por objetivo fortalecer as relações culturais e comerciais entre as repúblicas americanas sob os ideais do pan-americanismo.

Ao retornar ao Brasil, Verissimo publicou um novo relato de viagem, intitulado *A volta do gato preto* (1946). Nesta nova obra, que veio a público nos primeiros momentos do Pós-Guerra, podemos evidenciar uma narrativa mais cautelosa, em que o autor não deixa de realizar críticas a nação que lhe recebeu. Merece destaque as cartas fictícias inseridas no final do relato, onde narra a maneira como os jornais norte-americanos noticiaram o

lançamento da primeira bomba atômica na cidade de Hiroshima, registrando suas incertezas quanto aos Estados Unidos e o futuro da Humanidade.

Apesar de sua mudança de tom, suas eventuais críticas aos EUA não causaram transtornos ao assumir a direção do Departamento de Assuntos Culturais da OEA. Entretanto, esta nova experiência como diplomata, e a própria vivência em solo americano em plena Guerra Fria, aguçaram o seu desconforto e suas discordâncias com a postura adotada pelo país. Em suas memórias, Veríssimo (1976) registra a incapacidade das instituições políticas estadunidenses – e dos indivíduos que a compunham – em compreender outros povos.

Segundo Carlos Minchillo (2013), um dos fatores que pode ter contribuído para esta mudança na postura do escritor foi a difusão, na década de 1950, de um discurso de “consciência” da precariedade e da injustiça social que a América Latina estava sujeita. Iber (2015) também aponta para a intensificação, entre os intelectuais, deste engajamento voltado ao combate das injustiças, que por vezes era idealizado sob contornos de campanhas pelo fim de regimes ditatoriais, outras vezes se apresentavam como movimentos democráticos mais amplos, que defendiam a distribuição igualitária de renda, terra, e assim por diante.

Essa adesão ao discurso de combate a injustiça social por Veríssimo pode ser evidenciada em uma fala que proferiu em 1955, na Conferência del niños, na cidade de Panamá. Neste discurso, o então Diretor salienta a necessidade de uma mobilização dos governos e dos intelectuais para se pensar mecanismos de combate a pobreza que assola a maior parte da nação latino-americana.

Outro ponto que provavelmente influenciou não só Veríssimo, mas outros tantos intelectuais, a vislumbrarem os EUA com outros olhos foram as intervenções estadunidenses na Guatemala

(1954) e na República Dominicana (1955). Estas ações provocaram uma onda de descrença quanto ao papel dos EUA como defensor dos princípios democráticos.

Ao discutir este “desencanto típico dos veteranos do pan-americanismo” (SMITH, 2017, pg.195), Candida Smith apresenta outros exemplos, como o da intelectual argentina Victoria Ocampo. Durante as décadas de 1930 e 1940, Ocampo estabeleceu relações com o meio cultural norte americano, sendo entusiasta do pan-americanismo. Entretanto, nos anos 1950, a escritora registra, em cartas trocadas com sua amiga Gabriela Mistral, a sua descrença quanto aos Estados Unidos como defensor da democracia (SMITH, 2017. pg.196).

De volta ao Brasil em 1956 e as suas atividades como escritor, Veríssimo trilha caminho semelhante à destes intelectuais desencantados com o pan-americanismo. Em suas três últimas obras, Senhor Embaixador (1965), Incidente em Antares (1971) e O prisioneiro (1973) o escritor explora, em contextos diferentes, a perda dos valores democráticos, a militarização do Estado, e a adoção da violência como alternativa para se alcançar as metas de “justiça social”, seja pela direita ou pela esquerda (SMITH, 2017).

Como nos aponta Iber (2015), os anos 1970 da Guerra Fria foram marcados pelo sentimento de desencantamento do mundo. Os intelectuais que haviam, anteriormente, assumido uma postura engajada, paulatinamente, perderam a fé no Estado. Por sua vez, os Estados seguiram ritmo semelhante, não atribuindo mais a classe intelectual a confiança que um dia haviam depositado.

4. Considerações Finais

Este artigo teve por objetivo discutir brevemente, o papel dos intelectuais durante a Guerra Fria, utilizando como exemplo a trajetória do escritor brasileiro Erico Verissimo. Por meio deste

panorama, esperamos ter demonstrado como o romancista acompanhou as diferentes fases da política de diplomacia cultural interamericana e como o posto de Diretor de Assuntos Culturais da OEA marcou, por um lado, o seu estabelecimento efetivo no âmbito diplomático, ao mesmo passo que o levou, de uma vez por todas, a se desencantar com as posturas adotadas pelo governo estadunidense.

Neste sentido, também salientamos a importância dos estudos que, ao longo dos últimos anos, abordam a Guerra Fria a partir de um “olhar latino-americano”. Entre os variados temas que orbitam neste campo, verificamos que o estudo das ideias e da cultura durante este período é um caminho frutífero a ser percorrido por pesquisadoras e pesquisadores, sendo a trajetória de Verissimo e de tantos outros intelectuais apenas um exemplo.

Como nos afirma Tanya Harmer (2014), a História da América Latina, e em específico, a voltada ao período da Guerra Fria, está esperando ser escrita. Cabe a nós, historiadoras e historiadores, lançarmos luz sobre as lacunas que existem neste campo.

5. Referências Bibliográficas

- BORDINI, M. G. *Erico Verissimo e a vida diplomática na União Pan-Americana*. Nonada: Letras em Revista, n. 27, vol. 2. Setembro de 2016. pp. 155-164.
- BOYD, A.B. *A União Cultural Brasil - Estados Unidos e as políticas culturais dos Estados Unidos (1938 - 1951)*. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Educação. PUC São Paulo. 2003.

- ESPINOSA, J. *Inter-American Beginnings of U.S. Cultural Diplomacy*. Washington, D.C., Bureau of Educational and Cultural Affairs, U.S. Department of State, 1976.
- IBER, Patrick. *Neither Peace nor Freedom: The Cultural Cold War in Latin America*. Harvard University Press, 2015.
- GILBERT, Joseph M. *What We Now Know and Should Know Bringing Latin America More Meaningfully into Cold War Studies*. In: Joseph M. Gilbert & Daniela Spencer (eds), *In from the Cold: Latin America's New Encounter with the Cold War*. Durham: Duke University Press, 2008.
- GILMAN, Nils. *The cold war as intellectual force field*. *Modern Intellectual History*, v.13, Issue 2, pp. 507-523, 2016.
- HANSON, H. E. *The cultural cooperation program 1938-1943*. Washington: U.S. Govt. print. off. 1944.
- HARMER, Tanya. *The Cold War in Latin America*. In: Artemy M. Kalinovsky, Craig Daigle (eds) *The Routledge Handbook of the Cold War* Londres: Routledge, 2014, pp.133-148.
- MINCHILLO, Carlos Alberto. *Érico Veríssimo, escritor do mundo: cosmopolitismo e relações internacionais*. Tese de doutorado. São Paulo: USP. 2013.
- MOURA, Gerson. *Autonomia na Dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- NINKOVICH, F. The currents of Cultural Diplomacy: art and the State Department, 1938 – 1947. *Diplomatic History*, vol. 1, no. 3, pp. 215–237, 1977.

- _____. The diplomacy of ideas: U.S. foreign policy and cultural relations, 1938-1950. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- WESTAD, Odd Arne. The New International History of the Cold War: Three (Possible) Paradigms. *Diplomatic History*, V. 24, Issue 4, October 2000, pp. 551–565
- SMITH, Richard Candida. *Improvised Continent: Pan-American and Cultural Exchange*. Penn Press, 2017.
- TOTA, Antônio Pedro. O imperialismo sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.
- VERÍSSIMO, Érico. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Ed. Globo. 1961.
- _____. *Gato preto em campo de neve*. 15ª ed. Porto Alegre: Ed. Globo S.A. 1978.
- _____. *Solo de Clarineta*. Vol I. Porto Alegre: Ed. Globo. 1973

6. Artigos em Jornais

- JORNAL A NOITE. Erico Veríssimo declara-se anticomunista. Rio de Janeiro, 10 de junho de 1948.